



## **AGRESSÃO ALÉM-MAR PESCA COM BOMBA: UM CRIME SOCIAL, CULTURAL E AMBIENTAL<sup>1</sup>**

Mariana RAMOS Conceição<sup>2</sup>

Mônica CELESTINO<sup>3</sup>

Centro Universitário da Bahia – FIB, Salvador, BA

### **RESUMO**

O livro-reportagem *Agressão Além Mar - Pesca com bomba: um crime social, cultural e ambiental* tem os objetivos de retratar e propiciar o debate sobre a pesca com bomba no litoral de Salvador. Para isso, relata como, onde e quando ocorre a prática e quais as suas causas e conseqüências sociais e ambientais, assim como diferencia a tradição familiar do crime organizado. Aborda também o resgate histórico, o passo a passo, as leis ambientais e as medidas punitivas e de controle. As fontes entrevistadas incluem bombistas atuantes e afastados, especialistas, vítimas e representantes de órgãos associados ao combate e à prevenção do crime. Com linguagem clara e objetiva, pode ser um relevante instrumento para a educação da comunidade litorânea e deve ser publicado nos próximos meses, com apoio de organizações ambientais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pesca com bomba; Salvador; jornalismo ambiental; livro-reportagem-denuncioso.

### **1. INTRODUÇÃO**

Elaborado como Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, no Centro Universitário da Bahia – FIB, o livro-reportagem *Agressão Além-mar - Pesca com bomba, um crime social, cultural e ambiental* identifica o problema e apresenta as causas da perigosa infração; conseqüências para o meio ambiente, os próprios pescadores, os consumidores do pescado e os moradores do litoral; e medidas para evitar e punir a pesca criminosa na capital baiana. A obra traz o

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XIII Expocom Nacional 2007, na categoria Produção Cultural e Editorial, modalidade Livro, como representante da Região Nordeste.

<sup>2</sup> Única autora do livro, desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, e graduanda do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário da Bahia – FIB em 2006. e-mail: marianasrc@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Jornalista, mestre em História Social pela Universidade Federal da Bahia, professora, orientadora deste Trabalho de Conclusão de Curso e coordenadora do bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário da Bahia – FIB. e-mail: monicacs75@hotmail.com



resultado de pesquisas bibliográficas, em periódicos e documental; relatos de bombistas que agem de forma ilícita e de vítimas; depoimentos de testemunhas; e análises de especialistas e representantes de órgãos públicos e privados.

O livro-reportagem é dividido em três capítulos – onde o tema é contextualizado em diferentes aspectos -, precedidos por uma apresentação da obra e seus objetivos e um prefácio escrito por professor doutor Everaldo Lima Queiroz, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), autor de pesquisas e idealizador de campanhas há mais de 15 anos sobre o assunto.

O primeiro capítulo, *Tradição familiar da pesca com bomba*, trata da história, como, onde e quando é feito este tipo de pesca em Salvador e entorno, acrescido de dados oficiais e personagens envolvidos direta e indiretamente, que são beneficiados e prejudicados por esta prática. O segundo, *Vida e patrimônio em risco*, apresenta causas e conseqüências da prática no litoral da cidade, com ênfase nos aspectos humanos, ambientais e sociais. Já o terceiro, *Detonações na lista de extinção*, aborda as leis que regem contra o crime em questão, além de projetos e programas elaborados por instituições privadas e públicas, governamentais e não-governamentais, que estimulam o combate à pesca com bomba através de educação ambiental e incentivos financeiros.

Como explicita o título da obra, o produto aponta tanto as conseqüências ambientais da utilização de bombas como atividade pesqueira (mortalidade indiscriminada de peixes, crustáceos, algas e outras espécies marinhas) quanto, e principalmente, danos causados à comunidade como ferimento ou até morte de pessoas – às vezes sequer envolvidas na prática – e abalo das estruturas das casas dos arredores dos pontos da pescaria, além da influência cultural para a manutenção da prática.

A pesca é uma técnica utilizada, inicialmente, para sobrevivência das pessoas. Porém, com o crescimento da comercialização de peixes e mariscos, esta prática fugiu ao controle, tanto dos pescadores amadores e experientes, quanto dos órgãos de fiscalização e da população. Grupos têm utilizado técnicas ilegais como a pesca com bomba, visando praticidade e resultados mais imediatos, causando danos sociais e ambientais no litoral de Salvador, capital do Estado da Bahia, que se estende por 55Km (entre Itapuã e o Subúrbio Ferroviário), abrangendo as Ilhas dos Frades e de Maré, situadas na Baía de Todos os Santos (BTS).

A pesca com bombas é considerada um ato ilícito por afetar não só a cadeia alimentar, por destruir grandes cardumes e animais ainda em processo de maturação ou em fase de reprodução, como também por afetar a biota aquática, destruindo corais,



eliminando algas (alimento de várias espécies), etc. Essa ação degradante teve sua proibição decretada em 1967, através da Lei n° 221, de 28 de fevereiro, tendo o criminoso como penalidade uma multa de até dois salários mínimos. Já perante os artigos 34 e 35 da Lei Federal 9.605, a chamada Lei dos Crimes Ambientais, praticar pesca com bombas e/ou usufruir do pescado adquirido dessa forma são crimes com pena prevista de um a cinco anos de reclusão.

As bombas utilizadas na captura de peixes são de três tipos: **caseira**, fabricada com pólvora de bombinhas e fogos juninos pequenos, coloca-se o pó em um saco de papel grosso, amarrando-o com barbante, o pavio também é aproveitado. Havendo frestas, utiliza-se ainda parafina para tapá-las; **de fundo**, feita de clorato de potássio misturado com enxofre, salitre e carvão; **dinamite gelatinosa** com espoleta pirotécnica. Dessas, a primeira (menor) é utilizada com mais frequência quando o bombista joga o artefato do raso, pegando cardumes pequenos, já os outros dois tipos são jogados em alto mar, alcançando o fundo e causando maior impacto, devido a maior potência.

Ao ser jogada no mar, a bomba nem sempre mata os peixes pela explosão em si, mas também pelas ondas de energia emitidas após a detonação e pelo barulho que faz. O dano ambiental envolve todo o patrimônio natural, inclusive recifes e manguezal, fontes ricas de alimentos. Além disso, põe em risco as pessoas que estejam mergulhando, nadando ou navegando e os próprios praticantes, podendo causar surdez, cegueira, mutilações e morte.

A prática amplia, a curto prazo, a fonte de renda do pescador, por isso expandiu-se, sendo ainda mantida como tradição familiar. A maioria dos infratores é vítima do desemprego, da pobreza e da falta de perspectiva, por isso opta por atividades ilegais pela aparente praticidade e até mesmo por desconhecimento sobre os impactos sociais, econômicos ou ambientais. A atividade pode agravar ainda mais o quadro sócio-econômico em que vivem. Sem qualquer controle, a produtividade de recurso pesqueiro (para bombistas e pescadores artesanais) vai baixar gradativamente, patrimônios públicos e privados são danificados e há redução de renda familiar quando um dos membros da família morre, sofre mutilações ou traumas irreversíveis, tornando as chances de trabalho praticamente nulas.

Este projeto visa oferecer informações sobre a temática aos pescadores, aos seus familiares e à comunidade de áreas circunvizinhas aos pontos de pesca ilegal, além de profissionais que atuam na prevenção e combate da pesca com bombas. Constatou-se a carência de produtos informativos e de conscientização sobre o tema, função esta que



*Agressão Além Mar* pretende ocupar, contribuindo para atenuar o problema e abrindo espaço para novos trabalhos neste segmento.

Atualmente, não há dados sistematizados sobre apreensões, autuações e/ou acidentes (ferimentos, mutilações, mortes etc.) no município. As instituições competentes alegam não dispor de tais informações porque os “casos são pontuais” ou porque os registros foram perdidos em acidentes como o incêndio no escritório regional do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Renováveis (Ibama), em Salvador. Esse projeto é um documento inédito no setor jornalístico-ambiental do país. Não há outro produto jornalístico impresso com tal profundidade e propósito sobre o tema. Em pesquisa de similares, foram localizadas publicações científicas e matérias esporádicas em jornais locais, que, na sua maioria, são de conteúdo “quente” (factual).

Seguindo a classificação apresentada por Lima (2003, p.57), este é um livro-reportagem denunciioso, que se adequa melhor à temática por buscar revelar o caráter ilegal da atividade a partir de um amplo processo de investigação, relatando o crime e não, os criminosos. Também utiliza-se pontualmente recursos característicos de outros tipos de livro-reportagem, quando explora-se histórias de vida e o aspecto ambiental, por exemplo. São eles: livro-reportagem-retrato, considerando a intenção de relatar a realidade das comunidades pesqueiras; livro-reportagem-ambiente, por ter interesses ambientalistas de conscientização através da realidade; e livro-reportagem-ciência, porque são abordados conceitos sobre o meio ambiente (alvo de pesquisas científicas) e impacto sobre ele.

## **2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Da concepção à edição do livro-reportagem sobre a pesca ilegal com bombas no litoral de Salvador e entorno da Baía de Todos Santos, adotou-se procedimentos inerentes à prática do jornalismo, sobretudo da reportagem, visando o aprofundamento do tema e o alcance dos objetivos. Utilizou-se pesquisa bibliográfica, de periódicos e documental, entrevistas e observação.

Para conceituar e justificar o tipo de suporte e a linguagem utilizada no produto, subsidiar o processo de captação de informações e assegurar a compreensão do tema (objeto) abordado, consultou-se e analisou-se o conteúdo de fontes documentais (como leis ambientais e de pesca), periódicos e a bibliografia disponível em acervos públicos e particulares. Apesar de relevante pela contribuição com dados de natureza histórica e



legal, sem exigir contato com os sujeitos agentes dos fatos, a pesquisa documental e bibliográfica, realizada no início da apuração, foi prejudicada exatamente porque os dados estão dispersos ou foram perdidos. Foram consultados acervos de organizações como Centro de Recursos Ambientais do Estado (CRA), Ibama, Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia e BahiaPesca (órgão estadual de fomento à pesca).

A pesquisa em jornais e revistas, por sua vez, trouxe informações para a contextualização dos fatos ou que serviram de subsídio para consulta a novas fontes sobre pesca ilegal, mais especificamente com bomba. Ela foi realizada no acervo particular do professor e pesquisador da Universidade Federal da Bahia, Everaldo Queiroz, que reúne notícias e reportagens sobre essa temática, veiculadas nos últimos 15 anos.

Para analisar a receptividade da imprensa quanto a pautas sobre meio ambiente em Salvador (BA), foi feita uma análise do conteúdo dos dois principais jornais de circulação da cidade - *A Tarde* e *Correio da Bahia* – entre 12 e 18 de março de 2006. A escolha do período foi aleatória, tendo, como única restrição, semanas que incluíssem datas comemorativas que pudessem, por ventura, interferir na publicação de cadernos e/ou reportagens especiais. Dentre todas as matérias dos 14 números analisados (dois por dia em uma semana), 22 citavam em diversas editorias, direta ou indiretamente, questões ambientais, mas apenas uma delas foi localizada em uma editoria específica de meio ambiente (*Ambiente & Vida*, do jornal *A Tarde*, publicada às terças-feiras no caderno geral). Nenhuma versava sobre pesca ilegal; a maioria era factual.

Foram realizadas entrevistas para complementar as informações contextuais e, principalmente, levantar novas informações sobre a origem e o funcionamento da pesca ilegal; a rotina dos bombistas; as causas da opção de pescar com bombas; projetos e campanhas voltados para o combate e a prevenção da infração; a participação dos governos municipal, estadual e federal nestas ações; e efeitos dos artefatos no ambiente marinho, na vida dos que manuseiam as bombas e na comunidade litorânea, cujas casas são danificadas pelo impacto das detonações. “A entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos”, explica Nilson Lage (2002, p.73).

A coleta de depoimentos proporciona o levantamento de histórias de vida, que humanizam a narrativa de textos longos como as reportagens e ajudam a transportar o público para o universo temático abordado por gerar identificação. Em *Agressão Além-*

mar, os depoimentos de bombistas e vítimas servem para compor suas próprias histórias de vida, elemento utilizado em todos os capítulos, e são alternados com dados estatísticos e informações documentais.

Os critérios de seleção das fontes orais foram a acessibilidade, sobretudo dos bombistas e vítimas do crime, e a vinculação da fonte com o tema (no caso dos especialistas). Considerou-se as três classificações de fontes desenvolvidas por Lage (2002). A primeira delas divide as fontes entre oficiais, oficiosas e independentes (2002, p. 63). No livro, entre as oficiais (representadas por especialistas e representantes de instituições envolvidas no tema) estão o tenente coronel Natividade, um dos responsáveis por operações da Companhia de Polícia de Proteção Ambiental (Coppa) relacionadas a esta questão; Alberto Gonçalves, sub-chefe de fiscalização do Ibama na Bahia; e o comandante Miranda de Souza, da Capitania dos Portos, órgão que atua pela salva-guarda da vida humana em mar, segurança do transporte aquático e prevenção da poluição do ambiente marinho.

Os fiscais e policiais são fontes oficiosas, que não têm autonomia para falar pelo órgão no qual trabalha, mas podem relatar sua participação profissional e o funcionamento das operações, por exemplo, já que acompanham o trabalho de campo. E as independentes são aquelas que servem a instituições sem fins lucrativos, contudo, prestam informações sujeitas a contestações. Na obra, foram ouvidas fontes oficiosas e independentes, para complementação e confronto dos dados obtidos por outros procedimentos de apuração.

A segunda classificação (idem, p.65-66) divide as fontes entre primárias, que fornecem as informações essenciais para o andamento do trabalho, e secundárias, que completam essas informações com histórias, normalmente são elas que geram as sugestões de pauta, através de denúncias, por exemplo. No livro-reportagem, ambas são consultadas: Dona Dulce, João Manoel da Conceição (o bombista Fifiu), o marinheiro Sérgio, o advogado Paulo O'Dwyer, entre outros.

Por fim, testemunhas e *experts* entram na terceira classificação. As testemunhas, quando entrevistadas, são influenciadas por emoções, principalmente quando há tempo para refletir sobre o assunto e interpretar melhor os fatos. Já os *experts* são especialistas e têm um discurso mais preparado. Para evitar esse tipo de influência, Lage (2002, p. 68) sugere abordá-los já com algumas perguntas formuladas, sabendo que as respostas podem ser desvirtuadas do foco principal. Experts (como o pesquisador Everaldo Queiroz) e testemunhas (como funcionários e internos do Abrigo Dom Pedro II,



construção abalada pelas detonações; bombistas; e pescadores artesanais) deixam seus relatos nas páginas do livro, expressando a realidade desta modalidade pesqueira e o que fazem as pessoas praticarem-na.

Algumas fontes, entretanto, transitam entre as diversas classificações. Queiroz é um exemplo. Como presidente da organização não-governamental Instituto da Biologia, ele é oficial; como ativista e voluntário de campanhas ambientais é independente; como pesquisador é primário e *expert*. É ainda testemunha, já que, muitas vezes, agiu em campo, questionou bombistas e foi ameaçado por sua atuação.

A busca por essas fontes foi um obstáculo para a realização das entrevistas. O medo das pessoas, inclusive policiais, de serem visadas por marginais e prejudicadas por falar sobre um crime, fizeram-nas manter o silêncio, mesmo diante da proposta de zelar pelo nome verdadeiro. A sobrecarga de uns órgãos públicos de defesa ambiental e a inoperância de outros também inibiram as fontes.

Prevaleceu no processo apurativo a entrevista dialogal (LAGE, 2002, p. 77). Este modelo permite que o padrão seja variado de acordo com o posicionamento da fonte, trabalhando a comunicação humana através do diálogo e aprofundamento do conteúdo de acordo com as respostas da fonte. Em algumas oportunidades, ocorreu o “diálogo possível” sugerido por Cremilda Medina (2002, p. 7), com troca de informações relevantes o suficiente para modificarem impressões do entrevistador e do entrevistado. Uma delas foi com o bombista Fifiu, realizada na carceragem da Superintendência da Polícia Federal, em Salvador, onde estava preso (pela quarta vez). Unindo dados da prisão à história de infância e realidade social da região em que ele sempre viveu, a entrevista começou com perguntas e respostas objetivas, mas evoluiu para um diálogo de quase uma hora e meia.

Outro mecanismo adotado foi a observação das regiões em que a prática da pesca criminosa ocorre e tem influência sobre a população. A observação realizada foi do tipo simples, para acompanhar da praia o dia-a-dia dos pescadores, bombistas e das demais pessoas envolvidas neste quadro, buscando perceber até que ponto a pesca com bombas pode ser considerada único recurso de sobrevivência dos seus praticantes regulares. Tomou-se cuidados como não-identificação da autora para evitar que a presença de estranhos não interferisse na realidade deles. Evitou-se o acompanhamento de bombistas em plena atividade no mar por questão ética, já que nesta hipótese haveria conivência com o crime, e por medida de segurança, pois há registros de casos de violência contra pesquisadores em campo.



Após a coleta e análise das informações, redigiu-se o produto – etapa que durou aproximadamente três meses - e selecionou-se o autor do prefácio. Por fim, ocorreram a edição, a diagramação de acordo com o estabelecido no projeto gráfico-editorial, a revisão e a impressão do livro.

### **3. DESCRIÇÃO DO PRODUTO**

Em *Agressão Além-mar*, o funcionamento, as causas, o impacto social e ambiental, as atividades de conscientização e punitivas contra a pesca com bombas serão pontuados, priorizando a busca pela transparência dos fatos. Há um prefácio, apresentação da obra, três capítulos e um guia de contatos relacionados direta ou indiretamente ao assunto, distribuídos em 77 páginas. Estão no primeiro capítulo registros sobre a prática em si (como, onde e quando ocorre) e sua origem em Salvador e entorno. No segundo, causas e conseqüências ambientais e sociais. No terceiro, a legislação, as medidas punitivas e projetos e programas de combate à pesca com bomba através de educação ambiental e incentivos financeiros.

O livro é destinado aos pescadores, aos seus familiares e à comunidade que é testemunha e/ou vítima das explosões, estabelecida entre a Praia de Itapuã e o Subúrbio Ferroviário e nas ilhas do município de Salvador, na Baía de Todos os Santos. A estratégia é alcançar, de início, os profissionais como fiscais, biólogos, professores e ambientalistas e, depois, os demais. Acredita-se que eles, por serem líderes de opinião, podem agir como multiplicadores nas suas abordagens educativas. Através dessas pessoas, pretende-se, fundamentalmente, levar o conteúdo informativo e educativo do livro para as comunidades carentes litorâneas, seja em salas de aula, palestras ou atividades de educação ambiental.

Como livro-reportagem, ele busca informar e instigar o debate. Conforme os modelos delineados por Lima (2004, p.58), é um livro-reportagem-denunciioso, por ter o propósito de investigar “as incorreções de segmentos da sociedade” e protestar contra elas. Ele aborda a prática ilegal da pesca, de forma detalhada e precisa, e contrasta as condições em que vivem os pescadores e a comunidade em geral - não só pesqueira – ligada à atividade com impactos ambientais e informações oficiais acerca do problema. Deve-se ressaltar, entretanto, que não foram utilizados recursos como entrevistar fontes sem esclarecimento do destino do conteúdo, microcâmeras, disfarces ou gravadores escondidos – comuns às reportagens do tipo denúncia - durante o processo de apuração.



Outros tipos de livro-reportagem também inspiraram *Agressão Além-mar*. O tipo retrato (LIMA, 2004, p. 53) surge a partir do momento em que há o objetivo de relatar um fragmento da sociedade (econômico, social, cultural, etc.) que, neste caso, vem a ser a realidade da pesca ilícita em Salvador, utilizando personagens como exemplos da relação da comunidade com esta atividade. O livro-reportagem-ambiente (LIMA, p.54), por tratar-se de interesses ambientalistas, com fins de conscientização ambiental, inserindo críticas e observações ao comportamento humano. O tipo ciência, por trazer informações de caráter científico, seguidas de críticas e avaliações (LIMA, p. 53).

A linguagem utilizada é fundamental para aproximar o leitor do público-alvo. O texto é predominantemente dissertativo, “se apóia num raciocínio explicitado, seguido de fundamentação” (COIMBRA, 2002, p.86). As fontes foram citadas para atestar (ou contrapor com argumentos suficientes) as constatações feitas pela autora, geralmente vindas em tópicos frasais. As características das reportagens narrativa e descritiva também foram utilizadas na reportagem, em menor escala, com o objetivo de contar histórias de fontes e acontecimentos, cronologicamente ou não.

O projeto gráfico prevê um produto com fotografia da pesca com bombas na capa, que, por ser uma foto aparentemente bonita (o efeito da água subindo com o manguezal e o céu azul no fundo) recebeu um tratamento visual com o efeito Craquelé, representando a intervenção humana nas belezas naturais. O título do livro é em fonte Casablanca Antique, que também transmite a idéia de destruição, algo danificado.

Há também as imagens ilustrativas, todas coloridas, inseridas nas páginas internas, buscando-se valorizar os detalhes do objeto fotografado e facilitar o entendimento e a interpretação dos infográficos, como os mapas dos principais pontos de pesca do litoral soteropolitano e um esquema do processo da pesca com bombas, desde a fabricação do artefato aos resultados dentro e fora do mar. Esses recursos didáticos são necessários para facilitar o entendimento das informações escritas, até mesmo porque o manuseio das bombas e recolhimento do pescado não é uma atividade conhecida por todos que lerão o livro.

O livro é no formato A5, com sumário, prefácio, apresentação, capítulos, serviço e referências iniciados em páginas ímpares. Para que a leitura seja leve e agradável, a fonte do texto é Arial, (uma fonte sem serifa, de excelente legibilidade), tamanho 12, na cor preta, com espaçamento 1,5cm, em atenção ao espaço disponível e conforto na leitura. Nas legendas das imagens, a fonte é a mesma, porém, em tamanho 8.



As aberturas de capítulos terão um diferencial gráfico: o texto se inicia com capitulação na página seguinte ao título que, por sua vez, utiliza da fonte Casablanca Antique, tamanho 24, diferente do corpo de texto, buscando maior identificação com o principal tema abordado. Ainda antes do texto, há pequenos trechos de músicas sobre temas relacionados à pesca e à conservação ambiental marinha. Todas as páginas de texto indicam, no topo, o nome do livro nas páginas pares e o título do respectivo capítulo, nas ímpares, em fonte Futura Medium (Courier), tamanho 12.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Da vontade de fazer um trabalho sobre jornalismo ambiental à impressão do livro-reportagem *Agressão Além Mar – Pesca com bomba, um crime social, cultural e ambiental*, surgiram novas idéias, momentos de expectativa, decepções, surpresas agradáveis, receios e, acima de tudo, perspectivas renovadas. A repercussão da obra é positiva. Sua publicação e circulação devem ocorrer nos próximos meses, com apoio de organizações ambientalistas como o Ibama.

Após menos de um ano da sua conclusão, o livro já foi aproveitado como fonte em trabalhos de outros pesquisadores e despertou grande interesse de especialistas (biólogos, educadores ambientais, oceanógrafos, ambientalistas etc.) que estiveram em pré-lançamento realizado no primeiro semestre de 2007, na Ilha de Itaparica (BA), durante evento científico.

Além da satisfação pessoal de escrever um livro que aborda o ambiente marinho, a concretização do projeto proporcionou outras realizações também profissionais. O atual emprego da autora é uma delas. Para a organização não-governamental internacional Pró-mar, sediada na Ilha de Itaparica (BA) e dedicada à conservação de recifes de corais, o livro-reportagem substituiu o currículo na seleção para a vaga de assessora de imprensa.

Não há, de fato, uma especialização em jornalismo ambiental consolidada, mas o meio ambiente está cativando mais espaço e precisa de profissionais para representá-lo com qualificação. As pessoas entrevistadas, desde leigos a especialistas, mostraram que querem ter contatos mais frequentes com as questões ambientais, suas causas, conseqüências e soluções.



## 5. REFERÊNCIAS

### 5.1 Fontes documentais

BONNER, William. **A notícia na TV: critérios de seleção e decisão no telejornalismo.** In: BELTRAND, Marcelo. **Manual de Comunicação e Meio Ambiente.** São Paulo: Fundação Peirópolis, 2004.

BOLETIM ESTATÍSTICO da Pesca Marítima e Estuarina. Salvador: Bahia Pesca/Seagri – Secretaria de Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária, 2004.

COIMBRA, Oswaldo. **Texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura.** São Paulo: Ática, 2002.

FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo.** 1. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História.** 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LAGE, Nilson. **Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LEITE, Marcelo. Interpretação informada e pessoas interessantes. In: BELTRAND, Marcelo. **Manual de Comunicação e Meio Ambiente.** São Paulo: Fundação Peirópolis, 2004.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** 3. ed. rev. e atual. São Paulo: Manole, 2004.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível.** 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.

NELSON, Peter. **10 Dicas práticas para reportagens sobre o meio ambiente.** Rio Grande do Sul: Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul (NEJ), 1994.

OLIVEIRA, Arlene Lula Moreira de. **Combate à pesca com explosivos na Baía de Todos os Santos: ações conjuntas.** Salvador: Faculdade de Educação/UFBA, 2003. (Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Ambiental).



PRADO, Luiz Régis. **Crimes contra o ambiente**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1998.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. 3. ed. São Paulo: Summus, 1986.

## 5.2 Sites

BRASIL, Presidência da República. **Lei Federal nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L9605.htm>. Acesso em 12/09/05.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Ambiental**: navegando por um conceito e por uma prática. Disponível em [www.agricoma.com.br/artigowilbuenojornalismoambiental.htm](http://www.agricoma.com.br/artigowilbuenojornalismoambiental.htm). Acesso em 06/10/05.

LIMA, Eliana de Souza. **A importância da mídia na conscientização ambiental**. Disponível em <http://www.jornalismocientifico.com.br/artigojornaambientaleliana.htm>. Acesso em 06/10/05.

LIMA, Maria Conceição dos Santos. **A pesca predatória com explosivo na Baía de Todos os Santos**. Salvador: Marinha do Brasil, 1994. (Projeto de educação ambiental apresentado ao curso de Educação Ambiental) Disponível em [https://www.dpc.mar.mil.br/Prepom/Portuarios/Ed\\_Ambiental/Salvador\\_Conceicao.pdf](https://www.dpc.mar.mil.br/Prepom/Portuarios/Ed_Ambiental/Salvador_Conceicao.pdf). Acesso em 8/03/06.

VILLAR, Roberto. **Jornalismo Ambiental**: evolução e perspectivas. Disponível em <http://www.agirazul.com.br/artigos/joriental.htm>. Acesso em 15/10/05.

## 5.3 Fontes orais

Albano Opperman, coordenador da BTS (Baía de Todos os Santos/ CRA).

Alberto Gonçalves, sub-chefe de fiscalização do Ibama.

André\*, agente da Polícia Federal.

---

\* Fontes identificadas com nome fictício por solicitação das mesmas e/ou por definição editorial, para evitar constrangimentos.



Berft, Sargento atuante na Sessão de Fiscalização de Produtos Controlados (SFPC) do Comando da 6ª Região Militar.

Everaldo Lima Queiroz, professor de biologia no Departamento de Zoologia/UFBA e conselheiro e diretor do instituto da Biologia do Meio Ambiente (IBIO).

Fernando Balallai, delegado plantonista da Superintendência Regional da Polícia Federal, em Salvador.

João Manoel da Conceição, bombista de Cacha Pregos.

Miranda de Souza, Comandante da Capitania dos Portos.

Paulo Mafalda, professor de biologia da Ufba (Universidade Federal da Bahia) e colaborador do Projeto Revizee.

Paulo O'Dwyer, advogado.

Sérgio Natividade, Tenente Coronel atuante na Coppa (Companhia de Proteção Ambiental da Polícia Militar).

Sérgio\*, ex-bombista.

Sheila Dantas Serra, bióloga e coordenadora do Instituto Mamíferos Aquáticos, do Projeto Mamíferos Marinhos.